

2 - LUÍS SUCUPIRA

CADEIRA Nº 2
PATRONO: ÁLVARO MARTINS

LUÍS SUCUPIRA

*LUÍS Cavalcante SUCUPIRA, filho de Carolino Sucupira Sobrinho e de Maria Edwiges Cavalcanti Sucupira, nasceu em Fortaleza, no dia 11 de maio de 1901. Depois dos primeiros estudos numa pequena escola e no Colégio Colombo, fez o ginasial no Colégio Cearense dos Irmãos Maristas, tendo sido ainda aluno do Liceu do Ceará. Tendo feito concurso público do Ministério da Fazenda, foi nomeado Inspetor da Alfandega de Fortaleza, sendo transferido para o Tribunal de Contas da União, no Rio de Janeiro, sendo em seguida Delegado do mesmo Tribunal em Pernambuco, no Ceará e em Alagoas. Novamente no Rio, exerceu cargo no Gabinete do Ministro da Viação em 1932, José Américo de Almeida. Por iniciativa da Liga Eleitoral Católica, foi eleito Deputado pelo Ceará à Constituinte de 1933 a 34, e em seguida Deputado Federal, até o fechamento do Congresso, em 37. Foi ainda membro do Conselho Superior de Tarifa. De volta ao Ceará, foi Secretário da Fazenda e, interinamente, Interventor Federal. Como jornalista, defensor ardoroso dos princípios do Catolicismo, foi durante muitos anos redator d' **O Nordeste,** de Fortaleza; tendo colaborado em inúmeros periódicos de vários Estados do Brasil, como **A Ordem, A União e A Cruz,** do Rio, e **O Estado,** do Recife. Ainda hoje escreve n' **A Verdade,** de Baturité, bem como nas revistas da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, entidade da qual faz parte. Como professor, ministrou aulas no Colégio **Sacré Coeur de Marie,** do Rio, e nos cursos normais das Irmãs Dorotéias, Irmãs de Caridade e Irmãs Lima, na Escola de Comércio Padre Champagnat e no Colégio Cearense. Em nível superior, foi professor do Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio, na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, da qual foi um dos fundadores, e no Curso de Jornalismo da UFC, do qual foi fundador e Diretor. Entre seus inúmeros títulos, destacam-se os de Comendador da Ordem de São Gregório Magno da Santa Sé;*

*Doutor **Honoris Causa** das Faculdades Integradas de Campo Grande, RJ; Sócio Benemérito da Santa Casa da Misericórdia de Fortaleza. É ainda membro da Academia Brasileira de História, tendo feito parte dos Conselhos Universitários da UFC e da UECE. É portador de várias medalhas, dentre as quais a Medalha da Abolição, do Governo do Ceará; Medalha do Pasificador, do Ministério do Exército; Justiniano de Serpa, do Governo do Ceará; Clóvis Beviláqua, do MEC, Felipe Tiago Gomes, da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, etc. Foi ele que, como Deputado Federal, apresentou o projeto, transformado em lei, que instituiu o dia 7 de setembro como o Dia da Pátria. Obras publicadas: **Equatoriais** (1917), poesia, sob o pseudônimo de Rubens Bráulio; **Curso de Ação Católica** (1937) e mais estas obras das quais não há quem registre as datas: **Programa de Economia Política; A Nova Ortografia; Catecismo da Ação de Católica e Ozanan: a Caridade em Ação.** Dentre os seus trabalhos estampados na **Revista da Academia Cearense de Letras,** podemos destacar "Um Mistério em Julgamento", no nº 43, de 1982; "Antônio Martins, o Jornalista", no nº 46, de 1885/86; e naturalmente o que aqui vai transcrito, dentre outros. Dolor Barreira, ao falar de Luís Sucupira, afirmou: "Não é aqui, mas na História da Cultura e das Ciências que hão de ser estudadas suas atividades de escritor, propriamente dito, que ele, além de jornalista, o tem sido." Catorze anos antes, Mário Linhares havia escrito: "Ao jornal tem dado muito de sua inteligência, fixando, cotidianamente, homens e coisas. Não se deixou seduzir pela imaginação, cultivando o conto, o romance, a poesia. É um espírito voltado para os **fatos.** Os temas sociológicos e religiosos empolgam-no." (1948)*

POMPEU SOBRINHO *

A família Pompeu de Sousa Brasil vem traçando, nas suas mais amplas esferas do zênite cultural, rastros multiformes de grandeza intelectual e de sabedoria universal. Vultos como o Senador Pompeu ocupam largo e elevado espaço no âmbito dos conhecimentos humanos, espargindo o fulgor da sua espiritualidade polimorfa nos variados recantos da nascente democracia brasileira, firmando-se, porém, nos embates políticos e afirmando-se nas justas altissonantes do variado saber das ciências naturais. Seu filho, outro Tomás Pompeu, ocupou de tal modo avassalante os mais diversos escalões dos cabedais científicos da época, quase não sobrando espaço nos anais da sua espetacular bibliografia para recontar-lhe a produtividade intelecctual e científica.

O Senador Pompeu Brasil gerou Antônio Pompeu Sobrinho, que preferiu à messe cultural científica as atrações prodigiosas da técnica, avultando no pioneirismo industrial têxtil cearense.

Sem descurar, porém, dos assuntos literários, foi sócio efetivo do Instituto Acadêmico e redator da sua Revista. Roubou-lhe a existência muito cedo a morte, desaparecendo do palco da vida aos 35 anos, o que não o impediu de figurar como Patrono da Cadeira nº 6 desta Academia Cearense de Letras.

E se vem alastrando a prodigalidade luminosa de sucessão brilhante da ilustre família, na continuidade das gerações em linhagem direta, alcançando amostra excelente em Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, cujos traços mais culminantes de uma existência de homem superior, homem de gênio, mesmo, refulgem como o de vulto representativo da sua época.

Na austeridade de sua simplicidade não deixava transparecer a parte mais sólida de sua cultura, fundada na sistematização de conhecimentos adquiridos no recesso do silêncio mavioso de um estudo meticuloso e acendrado.

(*) Discurso pronunciado em nome da Academia Cearense de Letras quando das comemorações do centenário de nascimento de Th. Pompeu Sobrinho.

Dadas a sisudez da apresentação exterior e as reservas com que externava seu pensamento criador poderia muito bem apresentar-se envergando um burel de monge.

Não que se deixasse atrair por acentuadas eclosões de um misticismo qualquer, refugindo mesmo a manifestações de tradicionalismos religiosos, que poderiam ter fundamento no avô clérigo, mas também repugnava-lhe aderir desajuizadamente àquilo que se denominava de imperialismo tecnicista, por sem dúvida execrável para o destino humano, por admitir uma inversão nefasta de ordem racional e sobrepor o endeusamento da máquina, elevando-a à categoria de subordinamento dos valores do espírito, na afirmação de Berdiaeff.

Também jamais aceitou o pressuposto do pensamento positivo sobre a impossibilidade radical de um jovial relacionamento entre a ciência e religião. Como diz Francisco Alves de Andrade, na sua magistral introdução à reedição do maravilhoso estudo de Pompeu Sobrinho intitulado *Proto-História Cearense*, sua expressão Cultural anímica poderá ser definida de humanismo telúrico, aspecto mais destacado da paisagem visual do Humanismo Contemporâneo, que busca a transformação da mentalidade do mundo e das coisas em benefício do homem, considerado este como o bem maior.

Cultura das mais sólidas, não se preocupava em torná-la assimilável pela vulgaridade, donde seu estado de espítito envolvido pelo recolhimento que muitas vezes dava a impressão de achar-se em oracão.

Não patrocinava preconceitos de escolas, antes tinha uma espécie de adoração pelos valores fecundos da inteligência, dando sempre a entender que não era chamado ao êxito mas à fidelidade a princípios morais, o que não significava pretender o epicurismo do espírito, que quase sempre leva ao epicurismo da matéria, na fase do eminente jesuíta Padre Luís Gonzaga Cabral.

Como Alexandre Herculano, reconhecia no passado uma espécie de magistratura moral, e quem diz moral diz religião, na expressão de Alex Carrel, pois a moral implica subordinação a Deus, no qual ela encontra seu fundamento verdadeiramente universal, teórica e praticamente insubstituível. Negar a moral é negar a vida e a negação da vida leva à negação de Deus, sem o qual, segundo Platão, em *Fédon*, a sabedoria fica contrafeita.

Prestando homenagem criteriosa ao fator religioso na

formação da nacionalidade, refuta nesse terreno, elegante mas airosamente, os pressupostos de Paulo Prado, que procurou deturpar os motivos da formação do Brasil, por Pompeu classificados de domínio aberrante de explicações simplistas, exageradamente abstratas ou teimosamente racionalistas.

E fundando-se nos mais robustos elementos de convicção e crença, mostra como ainda hoje domina sobranceiro o espírito religioso de extremo a extremo do Brasil. E acrescenta: haverá, porventura, que ignore não existir cidade, aldeia, núcleo qualquer de população, por mais destituídos de importância que sejam, onde falte um tempo venerado, um altar caprichosamente selado, ofícios e cerimoniais religiosos? E afirmar sem tergiversar que a ciência já não deixa mais dúvidas quanto à existência de sentimentos religiosos em todos os grupos humanos, citando para testemunho Renê Wormes, que atestou ter sido sempre notável na vida social a ação do fator religioso.

Estirpe natural de linhas fortes e bem definidas, Pompeu Sobrinho pertencia, como afirma Francisco Alves Andrade, a uma trindade de eruditos, dificilmente encontradiça na história literária do Brasil, onde a dinastia do talento não vai além de duas gerações e disso nos dão exemplo as figuras ímpares do nosso mundo cultural como Rui Barbosa e José de Alencar.

De fato, raro é nos fastos de uma árvore genealógica intelectual vislumbrar uma continuidade tão expressamente exuberante como a desses Pompeu, desdobrada no avô "pioneiro da política objetiva" no Brasil; no pai, "pensador erudito, de mãos dadas com o pensamento positivo"; no neto "consolidador dos fundamentais da cultura cearense, numa visão antropológica, integradora do Nordeste". Isso dá-nos a alegria de conviver com uma eternidade consoladora, estabelecida pela vitória das mais expressivas e dignificantes virtudes humanas.

Eles como que codificavam as grandes qualidades que todos admiram com generoso entusiasmo e que não podem jamais ser apresentadas pelos incompetentes, cegos à beleza que se transverba em si mesma, nem nos orgulhosos, fechados ao círculo de sua autolatria, nem mesmo nos invejosos,para os quais o mérito dos outros sempre se afigura usurpação, na frase lapidar e perene do imoral Aloísio de Castro ao penetrar o propileu da Academia Brasileira de Letras.

Nos Pompeu verifica-se como que uma hierarquia de saber,

cada qual na sua esfera, mas todos classificados como pensadores eruditos, na realização espetacular do pensamento ativo, na constante função criadora do pensamento humano, que não consegue permanecer indiferente ou indefinido em face das exigências supremas dos plânctos da criação.

Indiscutivelmente a inclinação pelos assuntos históricos e geográficos manifestou-se de modo mais acentuado na vocação literária de Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, considerado pelo V Congresso Brasileiro de Geografia como "bela conquista do espírito nacional", proporcionando daí por diante trabalhos que o colocaram como pioneiro dos estudos geopolíticos no Brasil. E é, então, que se manifesta o seu pendor científico para comprovar que o fenômeno histórico é função da sociedade em cujo seio se processa, estabelecendo que os fatores geográficos condicionam os fatores históricos, pelo que o processo histórico alia-se ao meio social. Nesse ponto admite as conclusões de que a história deriva da geografia, no que é provado pelos grandes cultores da Geografia Ativa, com Kayer, Lacoste, Pierre Jonge e outros, para os quais o objetivo da Geografia Ativa é perceber as tendências e as perspectivas da evolução, medir, em intensidade e projeção espacial, as relações entre as tendências do desenvolvimento e seus antagonismos, definir e avaliar a eficácia dos respectivos freio e obstáculos.

Como demonstrou Alves Andrade não foi como aventureiro que Pompeu Sobrinho levou a efeito nas suas perlustrações histórico-científicas suas pesquisas e tentativas de estabelecer novos modelos de desenvolvimento para o Nordeste, especialmente para o Ceará.

Na vida de Pompeu Sobrinho nada foi inútil, desde o seu primeiro passo na alcantilada senda de lucubrações luminosas até os dons mais profundos da sua inteligência privilegiada, apropriando-se, plácida e conscientemente, de uma erudição solidamente vasta.

Nele, o saber era abscôndito pelo homem simples, de temperamento controlado, na modéstia de sua pessoa, através de sábio comportamento, sem os ademanes de um esnobismo protervo nem as excentricidades de desalinhados insinceros.

Homem de ciência, era também homem de letras. Assim como se empenhava em traduzir honestamente os meandros apresentados pela natureza, como as filigranas oferecidas pela

história, não depreciava, antes praticava cuidadosamente o culto da boa linguagem, sendo suas produções de caráter histórico ou científico vazadas dentro dos mais lídimos preceitos no maneio do idioma.

A leitura cuidadosa e interessada da volumosa bibliografia de Pompeu Sobrinho mostra clara e alvissareiramente como ele procurava escudar sua linguagem nos mais puros suportes do instrumento quase divino da transmissão das idéias. Sem pretender apresentar-se como campeão de justas filológicas, utilizava, porém, as armas da comunicação social com elegância apreciável, sabendo expor com clareza e transluzindo em sóbrio, mas vigoroso estilo a força do seu talento bem forjado e de sua inteligência portentosa. Um dos seus trabalhos que mais demonstram essa tenacidade estilística, é, sem dúvida, o intitulado "Retrato do Brasil", em que ele, com aquela modéstia, que tanto lhe aureolava o espírito, refuta com argumentos exaustivamente convincentes o livro em que, com o mesmo título, o escritor paulista Paulo Prado pretendeu lançar um mal alicerçado ensaio sobre a tristeza do brasileiro.

É um trabalho em que o brilhante homem de letras cearense demonstra conhecimentos valiosos e esplendorosos, oportunidade em que congloba toda a gama de seus vultosissimos conhecimentos históricos, científicos, geográficos e sociológicos. É um repositório em que a limpidez da linguagem se iguala com a clareza da exposição, das refutações e das correções culturais, oferecidas ao petulante escrevinhador paulista.

Paulo Prado procurou desmerecer o esplêndido dinamismo dos descobridores do Brasil e dos seus colonizadores, limitando-se a dois grandes impulsos que passaram a dominar a psicologia do descobrimento, quais fossem a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene. Desta sorte, "sob o império despótico do sensualismo e da cobiça chegaram os colonos à nossa terra, onde achavam campo vasto e amanhado para o desenvolvimento daquelas obsessões, deprimentes do corpo e do espírito. E conseqüência dessa luta inglória, sob o furor desses apetites, sem outro ideal nem religioso nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística, criava-se, pelo decurso dos séculos, uma raça triste".

Acutilados por esse duplo e impiedoso fadário "em que se misturavam a melancolia dos abusos venéreos e a melancolia

determinada pela ansiedade insopitada de enriquecer", formou-se a *psiché* social, com a dominância de paixões, que não conheciam exceções no limitado viver instintivo do homem, aqui se desenvolvendo com origem patológica, provocada pelo ansear de sentimentos afetivos de ordem superior. Assim, com o fatalismo do encontro malsão do binômio luxúria + cobiça, resultou a melancolia como doloroso e plangente resultado.

É de ver como Pompeu Sobrinho, num desdobramento metódico, daquela péssima tese consegue não só refutá-la passo a passo, mas destruí-la vitoriosamente no seu conteúdo, mostrando à saciedade o nenhum fundamento das premissas e, por isso, a fragorosa derrota das conseqüências.

Visando, como primeiro cuidado, na sua própria afirmativa, a evitar que tese de tão perigosas conclusões pudesse repercutir desfavoravelmente no coração da mocidade brasileira, alcançou Pompeu Sobrinho atingir a culminância de uma contribuição das mais eruditas e científicas para o conhecimento das origens da nacionalidade. É obra de paciente desvelo no enquadrinhar o assunto e trabalho de verdadeiro mestre na apresentação da matéria que ele transformou de mera refutação num aprimorado monumento de sabedoria.

Muito de admirar no caso é que, malgrado o natural acaloramento da argumentação, fere-se esta num prudente esvoaçar de idéias sólidas e firmes, calcadas numa documentação idônea e segura, exposta numa clareza idiomática digna do melhor cultor da pureza da linguagem. Não é que se vá encontrar nos aprimorados períodos em que é vazada a prosa aquele lavor que Olavo Bilac comparava a um vaso de Becerril nem aquela frase aprimorada sob a umbra do parnasianismo, alteada e limada. Pompeu Sobrinho não era um purista empolgado em divagação filológicas, na estrita significação do termo, nem era um esteta que passasse horas sem conto a olhar atento, longe de tudo, o devaneio da inspiração. Ele era um cientista, um homem que vivia em contato com a natureza exuberante e por isso não recorria a ouropéis para exprimir o pensamento ativo. E daí apresentar o seu frasear sobretudo a clareza, para se fazer compreendido de todos, mesmo porque seu intuito não era talhar obras de arte no mármore divino, mas descer até a planície dos que precisavam aprender a conhecer e a amar as coisas criadas, a fim de possuí-las na satisfação da curiosidade contentada.

Era um escritor lhano, correto, equilibrado, devoto da veracidade, procurando e conseguindo ser sempre o mesmo na seriedade dos seus estudos donde a sua obra literária cheia de grandeza.

Não foi sem despropósito que os membros da Academia Cearense de Letras, por sempre consenso unânime, o colocaram na curul da presidência por 14 dilatados anos, depois continuados com sua ascensão à Presidência de Honra por mais outros vinte anos.

Ele possuía a par do saber alicerçado no convívio com os livros a experiência obtida nas relações com a vida. Dirigia com autoridade mas com delicadeza, conseguindo, assim, impor sem impor-se, mesmo porque exercia o governo como um sacerdócio em que há mais alegria no dar que no receber e no qual se é estabelecido mais para servir do que par ser servido.

Por isso não é de estranhar que, agora, na remembrança dos cem anos de seu nascimento aqui estejamos reunidos para trazer até nós a doçura da sua presença e a grandeza da sua cultura e é com a satisfação de quem cumpre um sagrado mas agradável dever, que repetimos aqui as palavras de Aloísio de Castro, referindo-se a Miguel Couto, outro santo e outro sábio como Pompeu Sobrinho:

"Glória a ti, ó Mestre, que nos ensinaste as belezas da História, as grandezas dos acontecimentos humanos, e em nós verteste aquela palavra de sabedoria que jorrava de teu coração como a água das fontes cristalinas."

In *Revista da Academia Cearense de Letras*, nº 41, 1980.